

SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)



SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S678 Sociedade e condição humana na modernidade [recurso eletrônico] /
Organizador Carlos Antonio de Souza Moraes. – Ponta Grossa,
PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-964-6
 DOI 10.22533/at.ed.646202401

1. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Moraes, Carlos Antonio de Souza.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Obra “Sociedade e Condição Humana na Modernidade” objetiva promover o debate científico através de problematizações que integram seus onze capítulos. De forma geral, apresenta reflexões referentes as transformações societárias contemporâneas, sob a égide do capitalismo e, seus impactos sociais, particularmente, na qualidade de vida a partir do trabalho, na relação com as mídias digitais, com as campanhas publicitárias, do homem com o meio ambiente, no campo da educação e no tratamento do Alzheimer.

Tais pesquisas foram desenvolvidas em instituições de ensino de diferentes regiões do Brasil e apresentam análises pautadas em relevância acadêmica e impacto social. Para sua construção, metodologicamente, os autores recorreram, predominantemente a estudos bibliográficos, a fim de contribuir para descortinar aparências e fundamentar os conhecimentos daqueles que se interessam pelos temas ora apresentados que, por sua vez, foram categorizados em 05 blocos, a saber:

O primeiro, compreendido entre o capítulo 01 e 03, problematiza as transformações contemporâneas do capital, o mal-estar social e o trabalho como garantia de qualidade de vida, realização de necessidades e satisfação pessoal e profissional; O segundo, organizado entre os capítulos 04 e 05 aborda temas vinculados a relação do homem com o meio ambiente, bem como, analisa as diferentes formas de tratamento de afluentes domésticos; Posteriormente, o bloco 03, discute, entre os capítulos 06 e 07, as principais tendências pedagógicas e suas características. Além disso, problematiza o modelo escolar ocidental de formação, refletindo a respeito da escola contemporânea e seus mecanismos de atuação; O bloco 04, entre os capítulos 08 e 10, recorre inicialmente, ao filme “Lavoura Arcaica” (Luís Fernando Carvalho, 2001), construindo análise fílmica, literária e de linguagem historiográfica. Posteriormente, analisa como a ideia de nostalgia midiática é explorada nos meios de informação. Além disso, destaca o poder de influência dos dispositivos midiáticos na erotização dos corpos femininos. Nesta perspectiva, analisa a objetivação dos sujeitos femininos como meros produtos de consumo em uma sociedade patriarcal, sexista, machista e heteronormativa. No bloco 5, o capítulo 11 finaliza abordando a importância da musicoterapia utilizada como recurso terapêutico para o tratamento de pacientes com Alzheimer.

Diante disso, o livro acessado pelo leitor, apresenta problematizações que contribuem para repensar o tempo presente na direção de construção de uma sociedade menos adoecida e desigual, que valoriza o humano na sua condição de dignidade e reflexão crítica, promovendo possibilidades do leitor indagar-se sobre os

determinantes e significados dos temas ora descritos, elaborando nestes processos, outras perguntas de pesquisa.

Carlos Antonio de Souza Moraes

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| O FETICHE DO CAPITAL E O REENCANTAMENTO DO MUNDO | |
| Marcus Baccega | |
| DOI 10.22533/at.ed.6462024011 | |
| CAPÍTULO 2 | 16 |
| AS CONSEQUÊNCIAS DA MODERNIDADE: OS “LÍQUIDOS” E A SOCIEDADE DE CONSUMIDORES | |
| Natalia Maria Casagrande | |
| Janaina de Oliveira | |
| Diego José Casagrande | |
| DOI 10.22533/at.ed.6462024012 | |
| CAPÍTULO 3 | 28 |
| QUALIDADE DE VIDA: O IMPACTO NA RELAÇÃO HOMEM-TRABALHO | |
| Rosineia Oliveira dos Santos | |
| Luís Fernando Ferreira de Araújo | |
| Edmilson Augusto de Lima | |
| Arnaldo Silva Santana Menezes | |
| DOI 10.22533/at.ed.6462024013 | |
| CAPÍTULO 4 | 49 |
| ECOSOFIA AMBIENTAL E A RELAÇÃO DO HOMEM E A NATUREZA NA SOCIEDADE MODERNA | |
| Kellison Lima Cavalcante | |
| DOI 10.22533/at.ed.6462024014 | |
| CAPÍTULO 5 | 58 |
| ANÁLISE DA EFICIÊNCIA DO TRATAMENTO DE ESGOTO POR ZONA DE RAÍZES NA REMOÇÃO DE NUTRIENTES | |
| Elsa Daiana Correa Morel | |
| Otávio Augusto Barbosa | |
| Henrique Correa da Silva | |
| Rafael Rick Niklevicz | |
| Patricia Biondo | |
| Guilherme Migliorini | |
| DOI 10.22533/at.ed.6462024015 | |
| CAPÍTULO 6 | 64 |
| TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA | |
| Aracéli Girardi | |
| DOI 10.22533/at.ed.6462024016 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 7 | 77 |
| O PONTO DE VISTA DA ANIMALIDADE E OS PODERES ATUAIS DA ESCOLA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A ÉTICA DA PROFANAÇÃO DE GIORGIO AGAMBEN | |
| Filipe Kamargo de Santana | |
| DOI 10.22533/at.ed.6462024017 | |
| CAPÍTULO 8 | 89 |
| O TEMPO E A HISTÓRIA NA OBRA <i>LAVOURA ARCAICA</i> | |
| Matheus Silva Falcão Renata Brauner Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.6462024018 | |
| CAPÍTULO 9 | 103 |
| A NOSTALGIA NAS MÍDIAS DIGITAIS: UMA BREVE ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS DO CANAL VIVA | |
| Bruno Vieira Leonel | |
| DOI 10.22533/at.ed.6462024019 | |
| CAPÍTULO 10 | 115 |
| CORPOS, EROTISMO E BIOPODER: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DA CERVEJA DEVASSA DE PARIS HILTON E SANDY | |
| Lília Batista da Conceição | |
| DOI 10.22533/at.ed.64620240110 | |
| CAPÍTULO 11 | 124 |
| A INFLUÊNCIA DA MUSICOTERAPIA NO TRATAMENTO DE DOENÇA DE ALZHEIMER | |
| Denise Henrique da Silva Luís Sérgio Sardinha Fábio Guedes de Souza Valdir de Aquino Lemos | |
| DOI 10.22533/at.ed.64620240111 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 133 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 134 |

AS CONSEQUÊNCIAS DA MODERNIDADE: OS “LÍQUIDOS” E A SOCIEDADE DE CONSUMIDORES

Data de aceite: 17/01/2020

Data de submissão: 06/12/2019

Natalia Maria Casagrande

UNESP – FFC

Marília – SP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3680348517240030>

Janaina de Oliveira

UNESP – FCL

Araraquara – SP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7752803762269778>

Diego José Casagrande

UFSCar

São Carlos – SP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4156550100749294>

RESUMO: A contemporaneidade é marcada pelas transformações no campo das relações sociais. Envolto em uma sociedade caracterizada pela suspensão do autoquestionamento e o consequente impedimento da consciência da autonomia, o indivíduo da era moderna é submetido à metáfora da fluidez (BAUMAN, 2001). Diante desta perspectiva, a presente discussão tem como o intuito analisar o âmbito social com relação às mudanças contemporâneas e a necessária reconfiguração de diversas instâncias, através da contribuição das Ciências Sociais. Ressalta-se, portanto, que o estudo aqui proposto se dá

em função da existência de uma sociedade que apresenta profundas mudanças e uma espécie de mal-estar contemporâneo – e é sobre esta que o texto se ocupará.

PALAVRAS-CHAVE: Contemporaneidade. Relações sociais. Fluidez.

THE CONSEQUENCES OF MODERNITY: THE “LIQUIDS” AND THE CONSUMER SOCIETY

ABSTRACT: The contemporaneity is marked by the transformations in the field of social relations. Wrapped in a society characterized by the suspension of self-questioning and the consequent impediment of autonomy awareness, the individual of the modern era is subjected to the metaphor of fluidity (BAUMAN, 2001). Given this perspective, this discussion aims to analyze the social scope in relation to contemporary changes and the necessary reconfiguration of various instances, through the contribution of Social Sciences. It is noteworthy, therefore, that the study proposed here is due to the existence of a society that has profound changes and a kind of contemporary malaise - and this is where the text will be concerned.

KEYWORDS: Contemporaneity. Social relationships. Fluidity.

1 | CIÊNCIAS SOCIAIS E CONTEMPORANEIDADE

Escrever significa para o poeta romper a muralha atrás da qual se esconde alguma coisa que 'sempre esteve lá'. Sob esse aspecto, a tarefa do poeta não é diferente da obra da história, que também descobre, e não inventa: a história, como os poetas, descobre, em sempre novas situações, possibilidades humanas antes ocultas (BAUMAN, p. 231, 2001).

A contemporaneidade trouxe consigo transformações no campo das relações sociais e, dentre outros, também da ciência, economia, educação e moral. Assim, na presente discussão, o intuito é analisar o âmbito social com relação às mudanças contemporâneas, e a necessária reconfiguração de diversas instâncias, através da contribuição das Ciências Sociais.

Sobre a temática, podemos nos remeter a Zygmunt Bauman (2001). Em alusão a Pierre Bourdieu (1998), o autor ressalta que fazer Sociologia implica em revelar as causas estruturais que os sinais e as falas aparentes só evidenciam por distorção (BOURDIEU, 1998 apud BAUMAN, 2001). Na perspectiva de Bauman (2001), este é o caminho para uma sociedade autônoma / democrática, à medida que há um questionamento de tudo o que é pré-determinado, liberando a criação de novos significados.

Ainda remetendo-se à Bourdieu (1998), Bauman (2001) afirma ser necessário àqueles que sofrem descobrirem a possibilidade de relacionar seus sofrimentos às causas sociais, como ressalta a seguir:

Fazer sociologia e escrever sociologia têm por objetivo revelar a possibilidade de viver em conjunto de modo diferente, com menos miséria ou sem miséria: essa possibilidade diariamente subtraída, subestimada ou não-percebida. Não enxergar, não procurar e assim suprimir essa possibilidade é parte da miséria humana e fator importante em sua perpetuação (BOURDIEU, 1998 apud BAUMAN, p. 246, 2001).

Antes de discorrermos a respeito do tema nos seguintes tópicos, convém ressaltar que a discussão aqui levantada se dá em função da existência de uma sociedade marcada por profundas mudanças e uma espécie de mal-estar contemporâneo.

2 | ANTHONY GIDDENS E AS TRANSFORMAÇÕES DA SOCIEDADE MODERNA

Com expressiva contribuição para o campo da Sociologia Contemporânea, Anthony Giddens (1991), debate a respeito da ordem social emergente da era moderna. A partir das afirmações teóricas de Saint-Simon e Émile Durkheim que rastream a natureza das instituições modernas primariamente até o impacto do industrialismo, a sociedade não é capitalista, e sim industrial. Para Durkheim (1999), a competição capitalista não é o elemento central da ordem industrial emergente. O caráter de rápida transformação da vida social moderna não deriva exclusivamente

do capitalismo, mas do impulso agitado de uma complexa divisão de trabalho, aproveitando a produção para as necessidades humanas por meio da exploração industrial da natureza.

O dinamismo da modernidade resulta da separação do tempo e do espaço e de sua recombinação em formas que permitem o agrupamento do tempo-espacial de maneira precisa da vida social; do desencaixe dos sistemas sociais - fenômeno vinculado aos fatores envolvidos na separação tempo-espço - e da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais.

2.1 Crises econômicas e a relação entre dinheiro e insegurança

A condição de desencaixe proporcionada pelas economias monetárias modernas é consideravelmente maior do que em qualquer uma das civilizações pré-modernas nas quais havia dinheiro. Atualmente, o “dinheiro”, propriamente dito, independe dos meios pelos quais é representado, assumindo a forma de pura informação armazenada como números em um computador. Giddens (1991, p. 28) assinala:

No caso do dinheiro, isto significaria que a quantidade requerida para uma dada transação seria proporcional à velocidade de sua circulação. O dinheiro não se relaciona ao tempo (ou, mais precisamente, ao tempo-espço) como um fluxo, mas exatamente como um meio de vincular tempo-espço associando instantaneidade e adiamento, presença e ausência.

Os riscos de crise são maiores na acumulação flexível, já que os sistemas financeiros que surgiram pós 1972 mudaram o equilíbrio de forças do capitalismo, trazendo maior autonomia ao sistema bancário e financeiro. A acumulação flexível considera o capital financeiro como poder coordenador ainda maior do que com relação ao fordismo. Isso gera maior propensão às crises financeiras e monetárias autônomas e independentes. Grande parte da fluidez e da instabilidade pode ser atribuída diretamente ao aumento da capacidade de dirigir fluxos de capital para todo o planeta.

Giddens (1991) discute também a respeito da Globalização, comumente debatida no contexto contemporâneo. Enquanto intensificadora das relações sociais em escala mundial, ligando locais distantes de forma com que acontecimentos locais sejam modelados por eventos que ocorrem a milhas de distância, a Globalização é um fenômeno inerente da modernidade.

Para o autor, o capitalismo foi uma influência globalizante fundamental em função de ser uma ordem econômica, e não política. Foi capaz de penetrar em áreas distantes do mundo onde os Estados de sua origem não poderiam fazer valer de maneira integral sua influência política. Os primordiais centros de poder

na economia mundial são Estados capitalistas, onde o empreendimento econômico capitalista é o principal meio de produção. As políticas econômicas nacionais e internacionais destes Estados envolvem variadas formas de regulamentação da atividade econômica, porém, sua organização institucional mantém-se isolada do econômico em relação ao político.

É através desta relação entre contemporaneidade/capitalismo que Giddens (1991) discorre a respeito das instituições modernas – ilustração importante para entendermos em tópicos seguintes a situação da instituição escolar em período contemporâneo. Assim, Giddens (1991, p. 115) cita que:

Dentro das diversas esferas das instituições modernas, os riscos não existem apenas como casualidades resultantes de operações imperfeitas de mecanismos de desengate, mas também como arenas de ação “fechadas”, institucionalizadas. Os mercados de investimentos representam facilmente o exemplo mais proeminente na vida social moderna. Todas as firmas de negócios, com exceção de certos tipos de indústria nacionalizada, e todos os investidores, operam num ambiente onde cada um tem que prever os lances dos outros no sentido de maximizar os lucros. As incertezas envolvidas nas decisões de investimento derivam em partes das dificuldades de antecipar eventos extrínsecos, tais como inovações tecnológicas, mas fazem parte também da natureza dos próprios mercados.

3 | MODERNIDADE LÍQUIDA E RECONFIGURAÇÃO SOCIAL

Envoltos em uma sociedade caracterizada pela suspensão do autoquestionamento e o conseqüente impedimento da consciência da autonomia, o indivíduo da era moderna é submetido à metáfora da fluidez (BAUMAN, 2001), como ilustra a citação abaixo:

Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas... por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados... Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos? (VALÉRY¹ apud BAUMAN, p. 7, 2001).

Sobre o que é fluido, Bauman (2001) expõe que não mantém sua forma com facilidade. Enquanto os sólidos têm dimensão espacial clara e definida, os líquidos não se prendem à forma alguma, e estão sempre propensos à mudança. A facilidade de movimento comum aos fluidos é outra característica que se contrapõe aos sólidos: “[...] contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho” (BAUMAN, p. 8, 2001). Assim, do impacto com os líquidos emerge movimento, em oposição aos sólidos, que permanecem intactos quando submetidos às pressões.

Assim, sendo a inconstância e a mobilidade principal características do fluido,

¹ Paul Valéry - Pensador e poeta francês. Seus escritos são conhecidos pela originalidade e pela variedade de temas abordados, como artes plásticas e arquitetura.

o autor utiliza a metáfora da fluidez para definir o presente momento – modernidade líquida (BAUMAN, 2001) - considerando as características, significados e contradições oriundos da transição para a modernidade.

Um espírito moderno pairava sobre a sociedade. A modernidade trouxe consigo o ímpeto de ruptura com o passado, ocasionando transformações no campo das relações sociais e, dentre outros, também da ciência, economia, educação e moral. Disto resulta o abandono de tradições, valores, ideologias e crenças, e o consequente isolamento e perda de referências do homem.

O que a modernidade líquida traz é um cenário no qual os padrões e as configurações não são mais dados e nem estão explícitos. Estes, por serem muitos, chocam entre si, e promovem o conflito. Dessa forma, a modernidade fluida acarreta em profundas mudanças na condição humana, à medida que o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso se enveredam principalmente sobre o ombro dos indivíduos.

A respeito dessa liberdade que a modernidade anuncia, atenta-se que esta não pode ser classificada como liberdade de fato. Inseridos neste contexto, há a possibilidade dos indivíduos estarem satisfeitos com algo que não seja objetivamente satisfatório. É como se os homens se sentissem livres no interior de suas próprias escravidões – não experimentando a necessidade de se libertarem e, com isso, perdendo a chance de se tornarem genuinamente livres. Assim, as pessoas se tornam, nas palavras de Bauman (2001), juízes incompetentes de suas próprias situações.

O homem liberta-se de uma espécie de força cega (cosmos) para se aprisionar à força da coesão social, já que o indivíduo se submete à sociedade – submissão que é condição para sua libertação. Neste contexto, liberdade para o homem significa não se sujeitar às forças físicas cegas – opondo a isso a considerável e inteligente força social, que vai fornecer proteção e abrigo, e da qual o indivíduo acaba se tornando dependente. Mesmo nestas condições, entretanto, o autor afirma não haver contradição de que esta seja uma dependência libertadora, já que não há outro caminho para buscar a libertação a não ser submeter-se à sociedade.

Sobre essa discussão, Bauman (2001) esclarece que a rebelião contra as normas pode ocasionar um cenário de indecisões e incertezas a respeito das intenções e movimentos daqueles que estão ao redor, o que faz “da vida um inferno”. Padrões e rotinas impostos por pressões sociais geram regularidade de modos de conduta, o que poupa a agonia do homem moderno – tomada de decisões com a própria responsabilidade e sem o tranquilizante conhecimento de suas consequências, que faz cada movimento ser repleto de riscos não previsíveis. Assim, a anomia – ausência ou falta de clareza das normas – é uma problemática que se instala na vida das pessoas para conseguirem dar conta de seus afazeres.

A liberdade traz para os indivíduos uma espécie de impotência. Mantemos uma capacidade de crítica, sendo talvez ainda mais predispostos às tais – somos mais firmes e rígidos em nossas críticas que aqueles que nos precederam. Mas essa crítica é incapaz de afetar a agenda estabelecida para nossas escolhas na “política-vida” (BAUMAN, 2001).

A sociedade moderna apresenta seus membros como indivíduos, através de uma incessante atividade de individualização. Disso resulta uma mudança no significado de individualização: atinge sempre novas formas, à medida que as regras herdadas são solapadas, estabelecem novos ensinamentos comportamentais e fazem surgir novas formas de recompensas no “jogo”. Agora, individualização consiste em transformar a identidade humana em uma tarefa, encarregando os homens de cumprir esta tarefa e das consequências que a realização desta venha a trazer. Nas palavras de Bauman (2001) é uma autonomia *de jure* – que independe da autonomia *de facto* também ter sido estabelecida. Assim, a individualização vem no sentido de autonomia individual, externo a algo já estabelecido.

Diante do exposto, Bauman (2001) analisa o outro lado da individualização: a corrosão e a lenta desintegração da cidadania. O indivíduo se apresenta como o pior inimigo do cidadão e, conseqüentemente, a individualização insere problemas para a cidadania e para a política fundada na cidadania. Isso acontece, pois o espaço público se preocupa com os indivíduos enquanto indivíduos, e estes se afirmam como seus ocupantes legítimos.

Na modernidade líquida (BAUMAN, 2001) os homens têm a atenção voltada para o próprio desempenho, esquecendo-se do espaço social onde as contradições da existência individual são coletivamente produzidas. Segue-se que, com o intuito de entender e tratar as causas de seus sofrimentos, as pessoas naturalmente reduzem a complexidade de suas situações.

Há, portanto, para Bauman (2001), um abismo entre a condição de indivíduos *de jure* e as chances destes se tornarem indivíduos *de facto*, ou seja, ser capaz de controlar seu destino e tomar decisões que sejam de sua real intenção. E, para o autor, transpor esse abismo é função da “Política com p maiúsculo” - como ele define. Abismo este que, segundo ele, surgiu e se desenvolveu em função do esvaziamento do espaço público – que está cada vez mais deficiente das questões públicas. Assim, a perspectiva de que o indivíduo *de jure* possa se tornar indivíduo *de facto* - que fiscaliza os recursos indispensáveis à verdadeira autoafirmação – se mostra cada vez mais distante.

Diante desse panorama levantado pelo autor, a crítica social hoje se volta à tentativa de unir novamente aquilo que a individualização formal e a separação entre o poder e a política deceparam em várias partes. A emancipação humana traz a missão de reconectar esse abismo que se abre entre a realidade do indivíduo *de jure*

e as perspectivas do indivíduo *de facto*.

Dessa forma, emancipar nos dias atuais adquire novo sentido. A tarefa da emancipação se configura como essencial, entretanto, com a condição de abandonar condições passadas obsoletas:

A guerra pela emancipação não acabou. Mas, para progredir, deve agora ressuscitar o que na maior parte de sua história lutou por destruir e afastar do caminho. A verdadeira libertação requer hoje mais, e não menos, da “esfera pública” e do “poder público”. Agora é a esfera pública que precisa desesperadamente de defesa contra o invasor privado - ainda que, paradoxalmente, não para reduzir, mas para viabilizar a liberdade individual (BAUMAN, p. 62, 2001).

Os principais obstáculos a serem examinados com urgência estão ligados às dificuldades de traduzir os problemas privados em questões públicas, de tornar novamente coletivas as utopias privatizadas da “política-vida”, podendo assumir novamente as características da sociedade “boa” e “justa” (BAUMAN, 2001). Assim, a esfera pública deve ocupar o seu espaço e lutar para que a individualização – privado – não faça da liberdade algo equivocado.

A sociologia tem como função revelar as causas estruturais que os sinais e as falas aparentes distorcem. É necessário explicar e compreender os sofrimentos próprios de uma modernidade fluida, na qual impera os medos, incertezas e frustrações. Sobre os esclarecimentos que os sociólogos devem prestar à sociedade, Bourdieu afirma que:

Tornar-se consciente dos mecanismos que fazem a vida penosa, mesmo impossível de ser vivida, não significa neutralizá-los; trazer à luz as contradições não significa resolvê-las. E, no entanto, por mais céticos que possamos ser quanto à eficácia social da mensagem sociológica, não podemos negar os efeitos de permitir que aqueles que sofrem descubram a possibilidade de relacionar seus sofrimentos a causas sociais; nem podemos descartar os efeitos de tornarem-se conscientes da origem social da infelicidade “em todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e secretas” (BOURDIEU apud BAUMAN, p. 245, 2001).

A sociedade autônoma, para Bauman (2001), é aquela que questiona tudo o que é pré-determinado, possibilitando assim a criação de novos significados. A sociedade é autônoma de fato quando realmente sabe que não há significados assegurados e que vive na superfície do caos. A inexistência de verdades absolutas, de normas de conduta pré-ordenadas, de fronteiras pré-traçadas entre o certo e o errado, e de regras de ação garantidas é a condição para uma sociedade e indivíduos verdadeiramente livres.

Em síntese, afirma-se que o trabalho de revigorar o elo que se perdeu entre aflição objetiva e a experiência subjetiva se tornou vital e indispensável. Isso porque a sociologia é um ramo do conhecimento especializado que traz como problemática prática a ânsia pelo esclarecimento que tem por objetivo a compreensão humana.

4 | SOCIEDADE DE CONSUMIDORES

“Talvez não exista pior privação, pior carência, que a dos perdedores na luta simbólica por reconhecimento, por acesso a uma existência socialmente reconhecida, em suma, por humanidade” (BOURDIEU apud BAUMAN, 2007, p. 7).

Dando continuidade à questão relativa à inexistência de questionamento e à suspensão do autoquestionamento em âmbito social, Bauman (2008), em sua obra **Vida para o consumo**, expõe o processo através do qual o ser humano passa a mercadorizar a si próprio. As pessoas são forçadas a promover uma mercadoria atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e utilizam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajados a colocar no mercado, promover e vender são elas próprias. O autor ressalta:

São, ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores (e permitam-me acrescentar que qualquer acadêmico que já se inscreveu para um emprego como docente ou para receber fundos de pesquisa vai reconhecer suas próprias dificuldades nessa experiência). Seja lá qual for o nicho em que possam ser encaixados pelos construtores de tabelas estatísticas, todos habitam o mesmo espaço social conhecido como mercado (BAUMAN, 2007, p. 13)

Sob este ponto de vista, a contribuição de Bauman (2007) vem para pensarmos na vida das pessoas inseridas em um contexto de mercadorização, no qual o consumo é a bússola que vai nortear todas as relações e “preencher” os anseios e angústias do ser humano. Assim, apresenta-se um cenário no qual se tem a impressão de que nada mais faz sentido ao ser humano a não ser a relação entre mercado / consumidor.

Sobre o processo que origina este cenário exposto por Bauman (2007), pode-se dizer que, no caminho entre a sociedade de produtores e a sociedade de consumidores, as tarefas envolvidas na comodificação e recomodificação do capital e do trabalho passaram por processos simultâneos de desregulamentação e privatização contínuas, profundas e aparentemente irreversíveis, embora ainda incompletas.

Assim, o processo de recomodificação do trabalho faz com que as pessoas, em um processo individualista, gerem valor mercadológico a si próprias. Como o autor ressalta:

A tarefa da recomodificação do trabalho foi a mais afetada até agora pelos processos gêmeos da desregulamentação e da privatização. Essa tarefa está sendo excluída da responsabilidade governamental direta, mediante a “terceirização”, completa ou parcial, do arcabouço institucional essencial à prestação de serviços cruciais

para manter vendável a mão-de-obra (como no caso de escolas, habitações, cuidados com os idosos e um número crescente de serviços médicos). Assim, a preocupação de garantir a “vendabilidade” da mão-de-obra em massa é deixada para homens e mulheres como indivíduos, e estes são agora aconselhados por políticos e persuadidos por publicitários a usarem seus próprios recursos e bom senso para permanecerem no mercado, aumentarem seu valor mercadológico, ou pelo menos não o deixarem cair, e obterem o reconhecimento de potenciais compradores (BAUMAN, 2007, p. 16).

Neste contexto, o mercado de trabalho se torna um, dentre muitos mercados de produtos em que se inscreve a vida dos indivíduos. Com isso, o preço de mercado da mão de obra é apenas um também entre vários, que necessitam de acompanhamento, observação e cálculos nas atividades da vida intelectual. As regras, porém, são válidas para todos os mercados.

Diante deste cenário, portanto, para Bauman (2007), nos encontramos diante de uma sociedade de consumidores. Os encontros dos potenciais consumidores com os potenciais objetos de consumo possuem a tendência de se tornarem as principais unidades na rede peculiar de interações humanas conhecidas. Assim, o ambiente existencial que se tornou conhecido como **sociedade de consumidores** se diferencia por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo.

Na sociedade de consumidores exposta por Bauman (2007), convém ressaltarmos que ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, assim como ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A subjetividade do sujeito, e a maior parte daquilo que esta possibilita ao sujeito atingir, concentra-se em um árduo esforço para ela própria se tornar e se manter uma mercadoria vendável. Assim, a característica que mais se ressalta da sociedade de consumidores – mesmo que de maneira camuflada – é a transformação dos consumidores em mercadorias.

Nesta perspectiva, o consumo aparece como uma espécie de forma de distinção. Os indivíduos sonham com a fama e, como expõe o autor, acrescentam o desejo de:

[...] não mais se dissolver e permanecer dissolvido na massa cinzenta, sem face e insípida das mercadorias, de se tornar uma mercadoria notável, notada e cobiçada, uma mercadoria comentada, que se destaca da massa de mercadorias, impossível de ser ignorada, ridicularizada ou rejeitada. Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas (BAUMAN, 2007, p. 22).

Dessa forma, assim como o fetichismo da mercadoria² ocultou a substância humana da sociedade de produtores, é função daquilo que o autor denomina

2 O fetiche da mercadoria, postulado por Marx, opõe-se à ideia de valor de uso, e refere-se unicamente à utilidade do produto. O fetiche relaciona-se à fantasia que paira sobre o objeto, projetando neste uma relação social definida, estabelecida entre os homens.

fetichismo da subjetividade³ ocultar a realidade extremamente commodificada da sociedade de consumidores. Em uma sociedade de consumidores, a subjetividade, assim como a mercadoria em uma sociedade de produtores, é um fetiche. Com isso, os bens do mercado suprem e reabastecem o fetichismo da subjetividade, que se baseia em uma ilusão, em uma mentira. Isso porque, enquanto compradores, são moldados pelos gerentes de marketing e redatores publicitários a desempenhar o papel de sujeito – um “faz de conta”, um papel desempenhado como “vida real”.

Nesta lógica comum à sociedade de consumidores, mais uma questão convém ser pontuada – o descarte de tudo o que é “velho”. A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, afirmando ser “velho” sinônimo de “defasado”, impróprio para ser utilizado. É em decorrência da alta taxa de desperdício que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e respeitado, apesar dos inúmeros desapontamentos que causa. Sendo assim, como cita Bauman (2007, p. 31): “Não se espera dos consumidores que jurem lealdade aos objetos que obtêm com a intenção de consumir”.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores acima citados nos sugerem a prática da análise do período contemporâneo e a apreensão daquilo que se encontra por trás dos fatos que, aparentemente, percebemos isolados e provenientes de processos “naturais”.

Giddens (1991) destaca-se como um teórico que, ao refletir sobre o sentido da sociedade em que vivemos, adentra-se ao terreno da autoidentidade, analisando de que forma a contemporaneidade se relaciona com os aspectos mais íntimos da vida pessoal. Trata-se de um projeto reflexivo, que se relaciona com um mundo cada vez mais constituído de informação, e não de modos pré-estabelecidos de conduta, no qual o indivíduo sente-se forçado a viver realizando escolhas contínuas que passam a compor a sua narrativa de identidade, sempre aberta às retomadas.

Bauman (2007) contribui com conceitos que agem na apreensão de fenômenos e processos emergentes. Registra também o impacto dos padrões de interação e avaliação consumistas sobre vários aspectos aparentemente desconexos do ambiente social, como política e democracia, divisões e estratificação social, comunidades e parcerias, construção de identidade, produção e uso do conhecimento ou preferências valorativas.

A partir da análise, o autor caracteriza a sociedade contemporânea, ilustrando

3 Os sujeitos vivem o fetiche da subjetividade - um estado de ilusão, no qual cada um incorpora um produto vendável como sua verdade, e a vive até o momento de se autorreciclar. Este processo se perpetua porque a coluna que sustenta esse produto é frágil, precisa de todos os acessórios que encontra, ironicamente, também no mercado, para se autoconstituir, e a cada ciclo de autorreciclagem pouca coisa pode ser reaproveitada e por isso é preciso continuar consumindo.

que:

Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados. Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos (BAUMAN, 2007, p. 7).

Neste sentido, Bauman (2007) se aproxima de Pierre Bourdieu (2002), afirmando que se não pretendermos ser “falsos sociólogos”, devemos nos aproximar das possibilidades humanas ainda ocultas e, assim, perfurar as muralhas do óbvio e do evidente. Ao passo que para Bourdieu (2002) as variáveis utilizadas para se pensar um problema não devem ser analisadas isoladamente, mas sim dentro de um amplo contexto. Portanto, a pesquisa tem como fundamento o mundo relacional, pois na visão do autor, o real é relacional. Sobre isto ressalta: “Se é que o real é relacional, pode acontecer que eu nada saiba de uma instituição acerca da qual se julga saber tudo, porque ela nada é fora das suas relações com o todo” (BOURDIEU, 2002, p. 31).

Remetendo-se à Bourdieu (2002), Bauman (2001) cita:

Tornar-se consciente dos mecanismos que fazem a vida penosa, mesmo impossível de ser vivida, não significa neutralizá-los; trazer à luz as contradições não significa resolvê-las. E, no entanto, por mais céticos que possamos ser quanto à eficácia social da mensagem sociológica, não podemos negar os efeitos de permitir que aqueles que sofrem descubram a possibilidade de relacionar seus sofrimentos a causas sociais; nem podemos descartar os efeitos de tornarem-se conscientes da origem social da infelicidade ‘em todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e secretas (BOURDIEU apud BAUMAN, p. 245, 2001).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Confiança e medo na Cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. As contradições da herança. In: CATANI, A; NOGUEIRA, M. A. (Orgs). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alzheimer 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134

Animalidade 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 87, 134

B

Bem-estar 28, 29, 39, 41, 42, 129, 134

Biopoder 3, 115, 117, 118, 134

C

Campanhas publicitárias 115, 121, 123, 134

Capitalismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 15, 18, 19, 32, 46, 53, 54, 55, 67, 134

Consumo 8, 9, 23, 24, 26, 38, 39, 62, 103, 104, 108, 115, 116, 117, 119, 121, 122, 123, 134

Corpo feminino 117, 120, 134

E

Ecologia 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 134

Ecosofia ambiental 49, 51, 53, 54, 55, 56, 134

Educação brasileira 64, 66, 134

Educação formal 77, 134

Efluentes 58, 59, 60, 134

Estudo comparado 115, 134

F

Fetichismo do capital 1, 7, 15, 134

Filosofia 1, 10, 11, 12, 13, 14, 49, 50, 52, 55, 68, 76, 77, 79, 108, 134

H

História e cinema 89, 134

Humanismo 77, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 134

I

Imagens 47, 90, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 130, 134

L

Literatura e cinema 89, 134

M

Meio ambiente 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 63, 86, 134

Mídia 57, 104, 105, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 134

Mídias digitais 103, 134

Modernidade 2, 3, 4, 6, 12, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 49, 50, 78, 79, 91, 113, 134

Musicoterapia 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 135

N

Nostalgia 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 113, 135

O

Obra lavoura arcaica 89, 135

P

Poder 8, 9, 12, 14, 18, 21, 22, 26, 36, 39, 42, 44, 45, 52, 54, 71, 72, 79, 80, 81, 82, 84, 115, 116, 117, 118, 123, 135

Prática docente 64, 65, 68, 76, 135

Profanação 77, 79, 80, 82, 84, 86, 87, 135

Psicologia 35, 46, 47, 105, 124, 125, 128, 129, 131, 132, 135

Q

Qualidade de vida 28, 29, 30, 31, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 59, 125, 126, 129, 130, 131, 135

R

Realização humana 28, 32, 135

Redes sociais 103, 105, 106, 110, 113, 114, 135

Relação homem-trabalho 28, 30, 32, 41, 46

Religião 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 135

S

Sociedade de consumidores 16, 23, 24, 25, 135

T

Tempo e imagem 89, 135

Tendências pedagógicas 64, 65, 66, 74, 75, 76, 135

Tratamento 37, 41, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 86, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 135

W

Walter benjamin 1, 4, 11, 13, 14, 15, 135

 **Atena**
Editora

2 0 2 0